

notas sobre a experiência

[ENTRE] Ação Educativa e a Arte Como Experiência

Adriane Cristine Kirst Andere de Mello (UDESC)¹

Fábio Wosniak (UDESC)²

Juliano Siqueira (UDESC)³

RESUMO: Neste texto, são apresentadas reflexões sobre a concepção de Ação Educativa a partir da perspectiva cartográfica de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1987) e do pressuposto de um pensamento através da arte como experiência, baseado em John Dewey (2010). O material educativo serve como dispositivo de diálogo, uma interface entre a exposição Deambulações Sobre Pintura, a Ação Educativa e a Experiência Estética; nele, o visitante do espaço da galeria contribui ativamente na produção de sentido (Rancière, 2014). Os autores concebem que não há uma maneira única de pensar a Ação Educativa e, muito menos, um modo específico de fazer/pensar uma ação educativa, havendo três espaços híbridos: âmbitos das corporalidades, das espacialidades, reunidos com riqueza em

¹ Adriane Cristine Kirst Andere de Mello <http://lattes.cnpq.br/1209118072455218>. Possui Bacharelado e Licenciatura em Artes Plásticas pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, Mestrado em Artes Visuais (Ensino) e atualmente cursa o Doutorado em Artes Visuais (Ensino), também pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC.

² Fábio Wosniak
Doutorando em Artes Visuais na Linha de Pesquisa de Ensino das Artes Visuais - PPGAV/UDESC; Mestre em Artes Visuais na Linha de Pesquisa de Ensino das Artes Visuais - PPGAV/UDESC; Pedagogo S.E./2012 FAED/UDESC; Psicanalista; Vice-Coordenador da Rede de Educadores de Museus de Santa Catarina - REM/SC (Gestão 2013-2015), membro/pesquisador do Grupo de Pesquisa Entre Paisagem (UDESC/CNPQ), integrante do Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke (UDESC). Membro/pesquisador do Grupo Arte na Pedagogia (Mackenzie-SP/CNPQ). Atuando principalmente nos seguintes temas: Arte Educação, Arte e Pedagogia, Formação Docente em Artes Visuais. E-mail: fwosniak@gmail.com
Currículo: <http://lattes.cnpq.br/6525393533253057>

³ Juliano Siqueira <http://lattes.cnpq.br/8014633709940019> Professor no curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Estadual de Londrina. Doutorando em Artes Visuais (UDESC). Mestre em Educação e Artes (UFSM). Bacharel em Escultura e Licenciado em Desenho e Plástica (UFSM).

ambientações, situações e paisagens a serem usufruídas e recriadas pelos espectadores. Neste sentido, a atitude cartográfica acolhe as concepções do espectador e recria novas maneiras de pensar as obras, propiciando experiências estéticas e um conhecimento autônomo sobre as produções artísticas.

Palavras-chave: Ação Educativa; Arte como Experiência; Experiência Estética.

ABSTRACT: This paper presents reflections on the design of educational activities in the cartographic perspective in GillesDeleuze e Félix Guattari (1987), and the assumption of a thought through art as experience, based on John Dewey (2010). The educational material serves as a dialog device, an interface between exposure Wanderings About Painting, Educational Action and Aesthetic Experience, in it, the visitor's of the space gallery, actively contributes to the production of meaning (Rancière, 2014). The authors conceive that there is no a single way of thinking Educational Action and much less a specific way of doing / thinking an educational activity, there are between, hybrid spaces: areas of corporeality, of spatiality, meeting with wealth ambiances, situations and landscapes to be enjoyed and re-created by the spectators. In this sense, the cartographic attitude welcomes the views of the exhibition and recreates new ways of thinking works, providing aesthetic experiences and self-knowledge about artistic productions.

Keywords: Cultural Mediation. Art as Experience. Experience Aesthetic.

Prelúdio

A base para a construção deste artigo emerge dos percursos vividos na elaboração do material educativo à exposição Deambulações Sobre Pintura da artista Jocielle Lampert. A exposição forneceu o contexto para a narrativa cartográfica (DELEUZE e GUATTARI (1987) e KASTRUP (2008)) ancorada na filosofia da Arte como Experiência de John Dewey (2010). Ambas as abordagens teórico-filosóficas, escolhidas para amparar esta reflexão sobre a mediação cultural se relacionam com as nossas experiências como pesquisadores em Artes Visuais. Longe de ser previsível e seguro, encontramos neste percurso graus variáveis de dúvidas, ambiguidades, confusões, vazios e caos; principalmente, no tocante ao processo de elaboração da forma do material.

Para pensar a produção de uma exposição (da qual participamos em diversos âmbitos de sua montagem), cujo relato fazemos neste momento, mais especificamente, a concepção de seu material educativo, em que pautamos nossas reflexões e indagações a respeito da continuidade e experiência; Para Dewey (2010) é parte da natureza humana o processo de ensinar e aprender para uma existência continuada de sociedade - não insistir neste processo nos faria recair em uma educação doutrinadora - em um material meramente ilustrativo ou explicativo. Em oposição a esta educação escolástica - material ilustrativo ou apenas de entretenimento - a experiência possibilita renovação, procurando alcançar uma pedagogia democrática. Para ser mais preciso, a educação é o lugar da reorganização e reconstrução da experiência, especificamente de uma experiência estética que, segundo Dewey é a mais sofisticada forma de apreensão do conhecimento (DEWEY, 2010).

Nesse sentido, o material educativo da exposição buscou desencadear esta experiência estética e democrática, pautada na compreensão e construção do conhecimento coletivo - exercício que pode ser considerado um projeto - no qual, a Arte Educação e a Mediação Cultural têm, atualmente, se esforçado para conseguir. Outro ponto que podemos destacar é aquilo que o próprio trabalho da

artista incita, ou seja, a experiência de mergulhar nas cores e texturas das paisagens gestuais. O espectador é instigado a também deambular ao acompanhar as deambulações pictóricas de Jocielle por Vale Vêneto, Santa Maria e Nova York.

Justaposições conceituais

Recorrendo à concepção de Dewey (2010), na qual “a experiência é um todo e carrega em si seu caráter individualizador e sua autossuficiência” (p.110) e tendo a cartografia como metodologia, (DELEUZE E GUATTARI, (1987) e KASTRUP, (2008)) a mediação cultural na exposição Deambulações Sobre Pintura compreende que os espectadores são sujeitos capazes de se reorganizarem e reconstruir por meio ou pela mediação com a Arte. Assim, entendemos que o visitante, ou seja, aquele para quem o material foi criado participa, conjuntamente, contribuindo ao surgimento de novos significados para as obras expostas. Rancière (2014, p.17) discorre a respeito do espectador como alguém ativo no processo:

O espectador também age, tal como o aluno ou o intelectual. Ele observa, seleciona, compara, interpreta. Relaciona o que vê com muitas outras coisas que viu em outras cenas, em outros tipos de lugares. Compõe seu próprio poema com os elementos do poema que tem diante de si. Participa da performance, refazendo-a à sua maneira [...].

Outras formas de arte, igualmente, pedem outro comportamento por parte do público. Concede-se uma emancipação ou pelo menos uma tentativa de, onde acontece um “[...] embaralhamento da fronteira entre os que agem e os que olham; indivíduos e membros de um corpo coletivo (RANCIÈRE, 2014, p.3)”.

Questões:

1 - Antes de sair andando/desenhando, pense:

Preço: atenção ao formato, ao colorido, ao tema...
Que lugar é este? Onde estou?
Como ou como o pensar?
Por onde começar?

2 - Quando for andando/desenhando seu percurso, pare diante das obras, escolha as que mais lhe prendem a atenção.

3 - Tome tempo, não tenha tanta pressa.

4 - Perceba o todo, Perceba os detalhes.

deambular: Viajar ou passar, andar sem rumo certo, caminhar sem destino, passar sem direção determinada. Em, do verbo deambular.

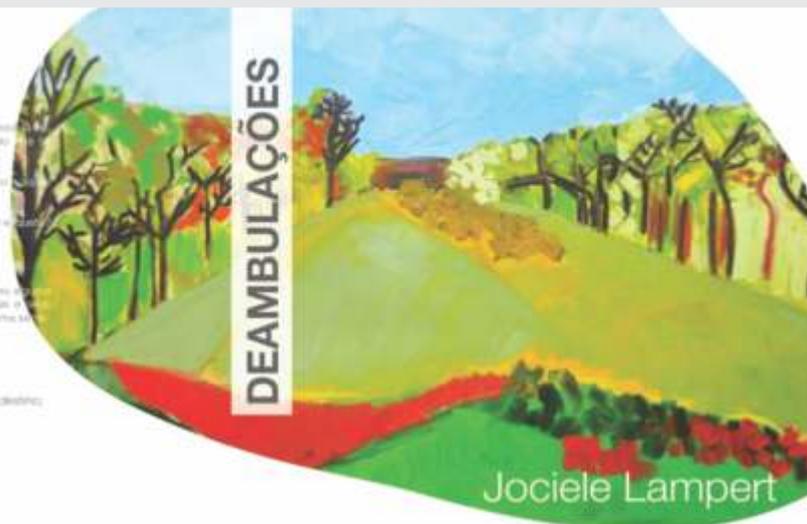
5 - Pense sobre a obra.

Reflexione sobre com cores que estão lá? Tem água, tem vento, tem sol? Há? O que é isso? É desenho? Pintura? Fotografia? Que cores têm? A que tem a ver com o que está representado? Onde ou como? Ou de quê? O que de a imagem? Por que tem o nome? De onde ou de quê?

6 - E a outra exposição?

Você percebe alguma diferença no ambiente? Há alguma diferença entre as obras, artistas, o espaço? Escolha pelo menos uma obra para fazer uma diferença.

7 - Saia para desenhar.



Museu de Arte de Santa Catarina - MAOC
Abertura: 25.05.2016 às 19h
Encerramento: 17.07.2016



Material Educativo

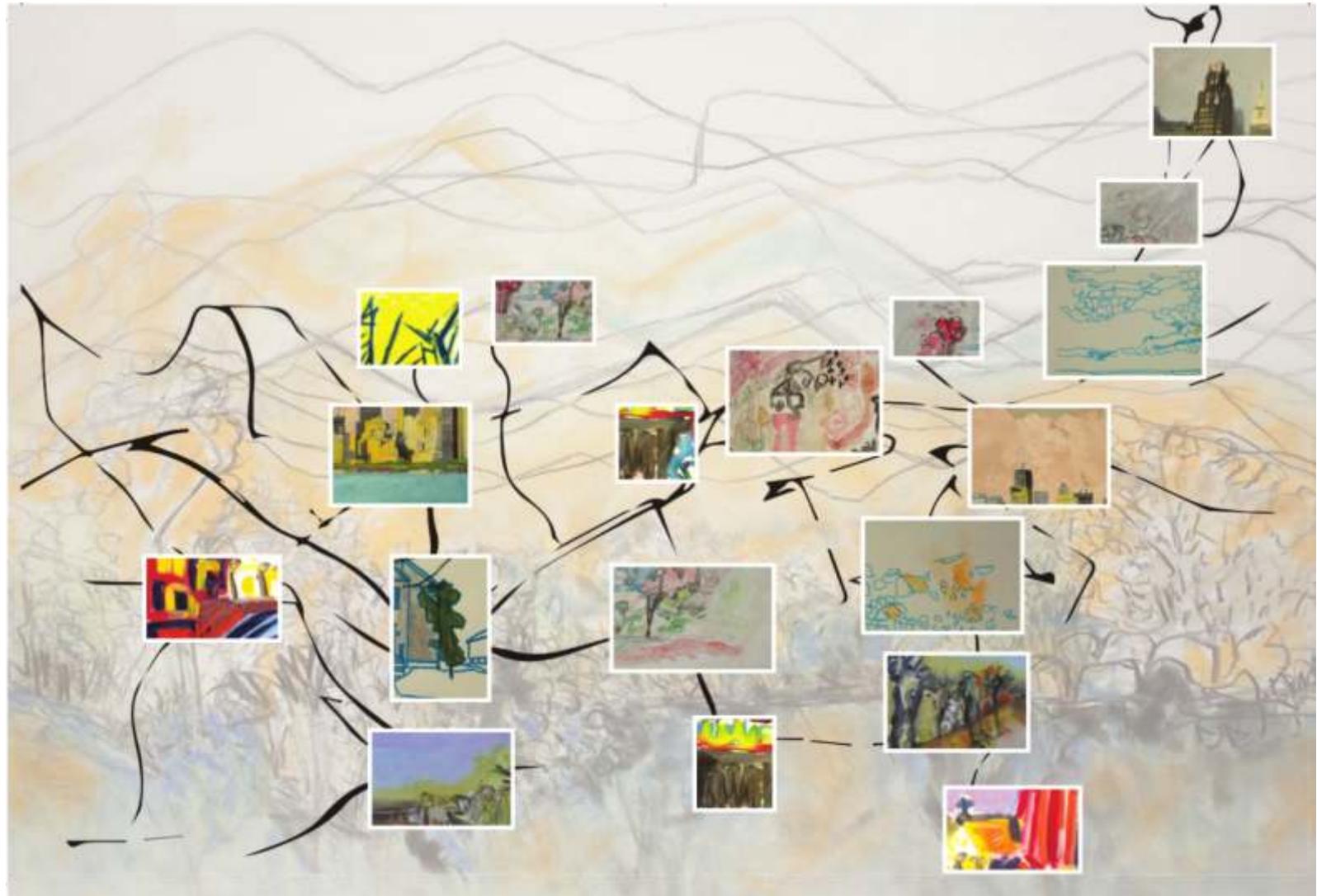
As transformações que originam novas invenções e novos significados estão intimamente ligadas às rupturas expressas pela arte contemporânea nas suas mais variadas formas de apresentação ao público – no que tange aos seus materiais e sua concepção como, por exemplo: colagens, rádio arte, vídeo arte, arte sonora, publicações de artista, entre outras. Certamente que isto desafia educadores, arte educadores, professores artistas, dentro do cenário da arte/educação. Compreender estas transformações e a forma como a arte contemporânea se apresenta, evidencia a perspectiva de que os artistas contemporâneos,

quebraram os limites do “objeto” de muitas formas e voltaram a centrar a atenção nas relações entre objetos (...) os objetos se converteram em pedaços reciclados de outros objetos que estão unidos em uma *collage* que se copiam, se duplicam e se multiplicam. (FREEDMAN, 2006, p. 27)

A cartografia como estratégia da mediação na Exposição Deambulações Sobre Pintura segue as pistas, o traçado de um plano imerso na experiência, que acompanha os efeitos do percurso da investigação sobre o tema "deambulações". A pesquisa cartográfica exige do cartógrafo uma atenção flutuante, ou seja, não dirigir a atenção a uma especificidade do problema a ser investigado. Sobre esse conceito, Kastrup (2012) esclarece que

para a discussão da atenção do cartógrafo, destaca-se a proximidade quanto à ênfase na suspensão de inclinações e expectativas do eu, que operariam uma seleção prévia, levando a um predomínio da reconhecimento e consequente obturação dos elementos de surpresa presentes no processo observado. Além disso, a atenção seletiva cede lugar a uma atenção flutuante, que trabalha com fragmentos desconexos. (KASTRUP, 2012, p. 35-36).

O que mudaria para o mediador cultural com a atenção flutuante? Talvez a maneira de colocar a pergunta. No lugar dos "quês?" e "porquês?", quem sabe um "como?" - ou ainda, sugere Kastrup, "vamos ver o que está acontecendo" (KASTRUP, 2012, p. 45). Afinal, cartografar é acompanhar processos. O que está em jogo na cartografia não é a representação do objeto, mas sim "descrever, intervir e criar efeitos-subjetividades" (PASSOS E BARROS, 2012, p. 27) diante do olhar observador do cartógrafo.



Material Educativo

A cartografia desenhada nesta Mediação Cultural tece aproximações com o que Bachelard (1993) denominou de *razão imaginante*. Afinal, trata-se de uma ação educativa em Artes Visuais. O alvo deste percurso é pensar como os espectadores alicerçam a sua cognição nas Artes Visuais - considerando sua subjetividade, seus afetos, sua imaginação; ou seja, um corpo inteiro, não apenas o cérebro, o racional.

Este material educativo, como dispositivo de ações, propõe considerar a imaginação tal como uma potência da natureza humana. Conforme afirmou Bachelard (1993, p. 23), "[...] a imaginação aumenta os valores da realidade". O método cartográfico foi pensado, como já mencionado anteriormente, em ressonância com esse processo imaginativo. Esta atitude como estratégia instiga experiências de problematização, como o estranhamento e a surpresa. O processo de concepção considerou o imprevisível do acontecimento em si ao se abrir para questionamentos que surgiram nos diálogos e pesquisas

que antecederam à Exposição. Ao propor no material educativo a deambulação pela exposição, a partir da colocação de algumas questões desdobradas em desenho pelo visitante, considera-se o desenhar como prática cognitiva, conhecer=fazer=ser (VARELA, s/d). A cognição é um fazer, uma prática, uma ação. Kastrup, partindo desta concepção de Varela afirma que:

Não agimos para conhecer ou conhecemos para agir. Conhecimento e ação é um mesmo processo. A ação cognitiva tem também uma dimensão ontológica, identificando o fazer e o ser. Para Varela, a ação não põe em relação um organismo e um ambiente, um sujeito e um objeto, mas os configura efetivamente. O breakdown insere a indeterminação no seio da ação. Experimenta-se uma descontinuidade. A experiência presente coloca novos problemas que exigem uma reorganização da ação. O breakdown é a fonte da cognição (KASTRUP, 2008).

Além disso, a cartografia como estratégia combina o rigor científico com as aspirações poéticas. Considerando que não pretendemos encerrarmo-nos em respostas absolutas, o intuito neste trabalho cartográfico é o de criar outros mananciais que possam potencializar os debates e as reflexões a respeito do campo das Artes Visuais e da Mediação Cultural. Essas ressonâncias a que preferimos denominar, ou seja, os rastros e vestígios das leituras desencadearam em nosso trabalho a vontade de compreender com rigor *metodológico-teórico-poético* como a Arte afeta, ou melhor, de que forma aquilo toca o espectador.

Outro olhar permitido pela metodologia cartográfica é o de abertura e ampliação às práticas discursivas. A rotina do cartógrafo pelo seu *estar-junto-no-campo* lhe exige uma atitude de não dicotomizar o refletir do agir, do conhecer e habitar. O cartógrafo-aprendiz está na pesquisa como uma criança em sua brincadeira - de corpo inteiro. Parafraseando Clarice Lispector (1978): a pesquisa para o cartógrafo torna-se seu "sopro de vida".

A escrita e a pesquisa do aprendiz-cartógrafo são os reflexos de suas indagações; o trabalho com o inesperado. Segundo Kastrup (2008) e Deleuze e Guattari (1987), O cartógrafo escreve e produz como o poeta e o artista. Começa sem, às vezes, saber o porquê, mas aquilo que o move já existe dentro dele - só precisa encontrar o

fluxo e o refluxo para emergir, isto é, *estar-em-contato*, de corpo inteiro, atento. É preciso ser cauteloso, saber entregar-se, perceber, ouvir, ver, pensar. Responder ao imediato do agora. Afinal, tudo são continuidades e ressonâncias de quem somos, para onde queremos ir e o que buscamos.

Mediação Cultural - [re]construção da arte como experiência estética.

A filosofia de Dewey (2010) não se refere exclusivamente à ação, mas o que o autor deflagra nesta corrente pragmática é uma teoria do pensamento e do sentimento, onde o pensamento norteia a ação e o sentimento reconhece as consumações dispostas por ela - uma conscientização unificada pelo sentir e agir. Este pensamento está baseado, principalmente, na convicção moral de que "democracia é liberdade" - uma sociedade democrática prepara todos os indivíduos, de maneira igualitária, assegurando seus benefícios, por meio de variadas formas da vida associada. Nessa perspectiva, a educação deve proporcionar aos sujeitos um interesse sobre as questões sociais e culturais, inerentes ao espírito humano. Cabe ressaltar que estes pressupostos se encontram fortemente impregnados na vivência da artista Jocielle Lampert, que também é professora de pintura, entre outras disciplinas.

Dewey (1956) problematiza o controle e a coerção social, com ênfase na educação, acreditando que os moralistas profissionais, ao considerarem a natureza humana disposta para o mal, assumem a função de podá-la ou a reprimir.

A moral está largamente em função de um controle da natureza humana. Por que a moral estabelece regras tão estranhas ou incompatíveis com a natureza humana? O controle tem sido dado a uma oligarquia, e a indiferença às regulamentações se tem originado da brecha que separa os governados dos governantes. (...) De modo geral, tem-se como boas somente as pessoas que fazem o que a elas se determina, e o não cumprimento imediato desta ou daquela instrução constitui sinal de que há alguma coisa errada em suas naturezas (DEWEY, 1956).

Para o filósofo, a configuração da disposição humana pode ser possível diante de diversos agentes, mas a educação, ainda, é o espaço chave para que uma filosofia da experiência se concretize como uma "realidade manifesta". Uma filosofia da experiência no âmbito da Educação exige que professores sejam conhecedores exímios do seu processo de aprender e que estejam com seus conjuntos de práticas em constante estado de reflexão. Caso contrário, corre-se o risco de que sua prática pedagógica não passe de um aglomerado de dogmas sem qualquer exame crítico (DEWEY, 2011). Dessa forma, sustenta a ideia de que nenhuma reflexão sobre processos educacionais seja viável sem levar em conta os contextos nos quais aqueles estejam inseridos.

Em uma concepção de Mediação Cultural, ancorada na arte como experiência, a mediação é parte de um processo educativo inserido no campo da Arte Educação numa atuação que busca provocar diálogos que ressoem em processos de ensino e de aprendizagem. A concepção de ação educativa, eixo da Mediação Cultural, focalizou a intersecção entre Arte, Experiência e Educação; segundo Martins, a Mediação Cultural é:

Fazer pensar a aproximação sensível com a arte, com a provocação de experiências estéticas, a ampliação de repertório cultural e a contaminação da curiosidade, da abertura, do querer se aproximar mais das manifestações artísticas... (2014, p. 214).

As paisagens de Jocielle possuem uma potência de criação, as quais, segundo Kastrup (2008) produzem experiências que acionam blocos de sensações, afectos e perceptos transpessoais (DELEUZE & GUATTARI, 1987). As sensações emergem da matéria sensível das tintas com suas cores, formas e texturas, sensibilizando o espectador, portando uma singularidade, um afecto. Estas sensações capturam o espectador na experiência do presente vivido, podendo gerar uma transformação do sujeito da experiência.

O método cartográfico da proposta educativa não visa à análise formal ou conceitual totalizante das obras, nem a um desenho identitário, mas detectar os elementos de processualidade e as

linhas de força em questão (DELEUZE, 1987). Os signos da pintura forçam a pensar e exigem sentido. Qualquer processo educativo que utilize o método processual cartográfico precisa estar aberto a mudanças, de acordo com a configuração das forças presentes (KASTRUP, 2008). Ao se abrir para o agora, deambula-se no risco e na imprevisibilidade. O método cartográfico se apoia na multiplicidade de significados, nas ambiguidades e problematizações. A experiência singular no encontro com a pintura transcende o eu, transborda aquele que é atravessado pelas cores, provoca a dessubjetivação e a atenção a si.

Referências

- BACHELARD. Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- DEWEY, John. A Arte como experiência. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- _____. Experiência e Educação. Petrópolis, R.J.: Vozes, 2011.
- _____. A natureza humana e a conduta: introdução à psicologia social. Bauru: Tipografia e livraria Brasil, 1956.
- DELEUZE & GUATTARI. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, v. IV. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.
- FREEDMAN, K. Enseñar la cultura visual: currículum, estética y la vida social del arte. Barcelona: Octaedro, 2006
- LISPECTOR, C. Um sopro de vida. São Paulo: Círculo do Livro:1978.
- MARTINS, Mirian Celeste. Entre [con]tatos, nuvens e chuviscos mediadores. In: MARTINS, Mirian Celeste (org). Pensar juntos a mediação cultural: [entre]laçando experiências e conceitos. São Paulo: Terracota Editora, 2014.
- RANCIÈRE, Jacques. O espectador emancipado. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- KASTRUP, Virgínia. Cartografias Literárias. Em: Políticas da cognição. Porto Alegre:Sulina, 2008.
- VARELA, Francisco. Conhecer: as ciências cognitivas - tendências e perspectivas. Lisboa: Instituto Piaget, (s/d).



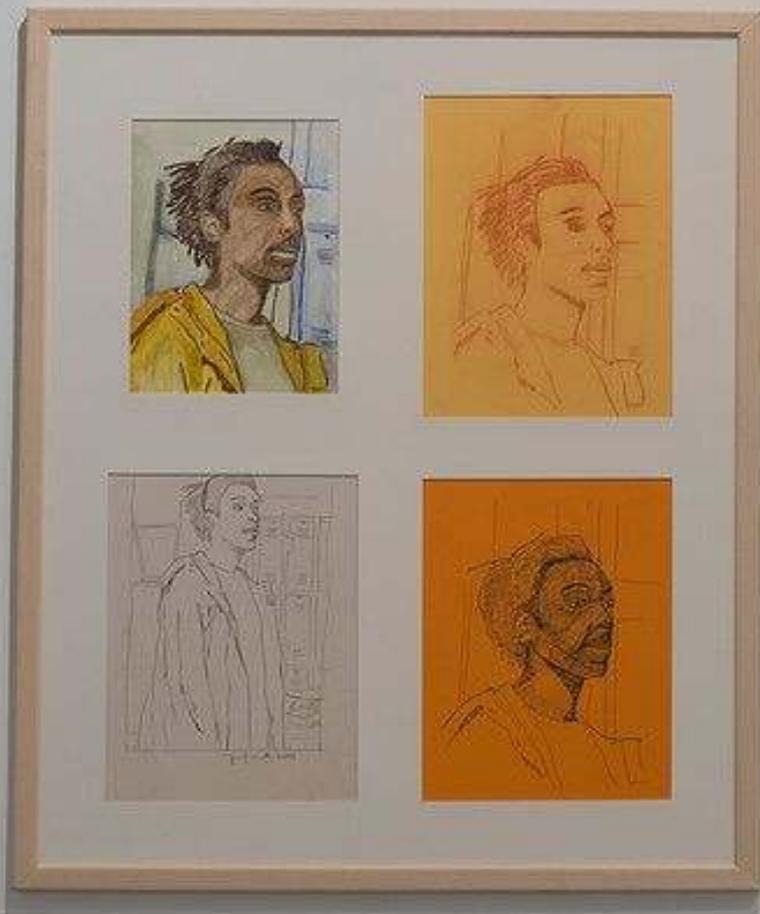




Imagens da Exposição Deambulações sobre a pintura de Jocielle Lampert, aconteceu no MASC entre 25 de maio e 17 de julho de 2016







Artista: [unreadable]
Título: [unreadable]
Materia: [unreadable]





Ateliê da Prof^a Dr^a Jocielle Lampert em sua residência

Imagens das páginas 260 à 266 têm seus direitos reservados
ao Estúdio de Pintura Apotheke
fonte: www.jocielelampert.com.br